

A LOGÍSTICA REVERSA COMO CAMINHO ESTRATÉGICO PARA RESPONSABILIDADE AMBIENTAL DOS NEGÓCIOS

Janaina Soares Silva Duarte – IFSP-Campus Suzano
janaina.soares@aluno.ifsp.edu.br

Profa. Dra. Sivanilza Teixeira Machado – IFSP-Campus Suzano
sivanilzamachado@ifsp.edu.br

Resumo

A gestão de operações voltada a logística reversa, deve buscar mensurar o impacto ambiental gerado pela produção de seus bens de consumo. Dessa forma, este artigo tem como objetivo apresentar a importância da responsabilidade ambiental no gerenciamento das operações e a logística reversa. Para tanto se utilizou de uma revisão da literatura com apresentação da análise dos relatórios de duas empresas, uma do ramo da saúde e a outra de cosméticos. Como resultado foi possível compreender a importância entre gerir um negócio e adotar ações para tratamento adequado dos recursos extraídos, buscando o equilíbrio social, ambiental e econômico. As empresas apresentaram em seus relatórios ganhos com o uso de material reciclado, beneficiando toda a cadeia e o meio ambiente. Neste contexto, a logística reversa auxilia no processo de reaver valores e estabelecer elos com novos públicos avaliando suas responsabilidades ambientais.

Palavras-Chave: Meio Ambiente, Sistema Produtivo, Vantagem Competitiva.

Abstract

The management of operations focused on reverse logistics, should seek to measure the environmental impact generated by the production of their consumer goods. Thus, this paper aims to show the importance of environmental responsibility in operations management and reverse logistics. For this purpose, a literature review was conducted based on the analysis of the reports of two companies, one in the health sector and the other of cosmetics. As a result, it was possible to understand the importance between running a business and adopting actions for the proper treatment of the extracted resources, in order to economic, social and environmental balance. The companies showed in their reports gains from the use of recycled material, benefiting the entire chain and the environment. In this context, reverse logistics helps in the process of re-establishing values and establishing links with new audiences evaluating their environmental responsibilities.

Keywords: Environment, Productive System, Competitive Advantage.

1. INTRODUÇÃO

A logística reversa tem adquirido grande destaque no mundo dos negócios por apresentar uma parcela de retorno dos produtos produzidos, não consumidos ou usados aos seus fabricantes. Esta atividade, é relacionada diretamente a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade empresarial, trazendo consigo também importantes aspectos de competitividade (LEITE, 2017).

O ambiente global e competitivo das empresas, trouxe consigo novos conceitos e tendências que transmitem maior lucratividade. De acordo com Leite, (2017), atualmente, as empresas reconhecem a necessidade de negócios que não só gerem lucros, mas que atendam uma variedade de interesses sociais, ambientais e governamentais. No contexto do pensamento verde e sustentável, este artigo busca responder a seguinte questão de pesquisa: por que é importante para as empresas considerar e avaliar suas responsabilidades ambientais? E como a logística reversa pode agregar para a gestão empresarial?

O regresso de materiais a cadeia produtiva pode gerar uma parcela de retorno para os negócios que investem em logística reversa, reavendo valores ou bens maiores, tais como estabelecer elos com novos públicos avaliando suas responsabilidades ambientais.

Além disto é possível se utilizar dos diferentes canais para retorno que envolvem qualidade abaixo do esperado, acordos comerciais que permitem retorno, reparo, conserto e manutenção dos produtos ou de seus componentes, embalagens retornáveis, interesse em sua reutilização ao fim da vida útil.

Este artigo tem como objetivo apresentar a importância da responsabilidade ambiental no gerenciamento das operações e da logística reversa.

1.1 Revisão de literatura

A aplicação da logística reversa permite dar ênfase ao grande potencial econômico que o processo logístico reverso possui, e que não tem sido explorado de maneira correta. A logística reversa trata do retorno dos materiais e produtos após seu consumo aos centros produtivos e de negócios, que após tratamento, ganham valor e nova identidade e, assim, podem ser lançados novamente na cadeia produtiva ou diretamente ao mercado de consumo (LEITE, 2017).

O rápido avanço da tecnologia associado ao grande fluxo de informações e a competitividade entre as empresas, com lançamento de novos produtos que cumpram os requisitos ecológicos na sociedade, promovem a valorização dos processos de retorno de produtos e matérias outrora simplesmente descartados (LEITE, 2017). Ainda segundo o autor, a logística reversa é o departamento empresarial que idealiza, desenvolve e monitora todo o processo de retorno dos produtos ao ciclo de negócio, através deste mecanismo, as organizações recebem valores econômicos, ecológicos, legais, logísticos e de imagem corporativa.

Dentro do universo empresarial, o processo de manufatura é composto por recursos de entrada, transformação e, posteriormente, a saída de produtos acabados e serviços. Gerir o processo de manufatura não é fácil, pois envolve diversos fatores críticos de sucesso.

Diversos são os desafios estratégicos encontrados na operação, onde se faz necessário abrir caminho frente as complexidades e as incertezas externas e internas a organização. Dentre os desafios, a responsabilidade ambiental chama a atenção, em que a gestão de operações deverá avaliar e entender as consequências de decisões ambientais para responder a elas adequadamente (SLACK, 2009).

2. RELATO CIRCUNSTANCIADO

2.1 Métodos

Para condução deste estudo de revisão de literatura, houve um levantamento bibliográfico sobre a gestão de operações e logística reversa, a responsabilidade ambiental, e o meio ambiente. Os principais autores que contribuíram para o estudo foram: Ballou (2006), Leite (2003 e 2017), Slack (2009) e Sousa (2019).

O método de pesquisa utilizado é o qualitativo, amparando-se em técnicas de coletas de dados também qualitativas através da análise documental. De acordo com Neves (1996), a pesquisa qualitativa, não busca enumerar ou medir eventos, contudo, serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos estudados.

2.2 Gestão de operações e a logística reversa

A gestão de operações está à frente dos confrontos impostos aos negócios empresariais, tais como o aperfeiçoamento dos processos, por meio da interação entre os departamentos e a otimização dos recursos disponíveis. Assim, há um destaque para a gestão de operações quando passa a entender qual o seu papel e contribuição para a indústria e a geração de resíduos que impactam negativamente no meio ambiente, levando a prejuízos a longo prazo. Segundo Slack (2009), os gerentes de produção não devem deixar de avaliar a responsabilidade ambiental de seus sistemas produtivos, uma vez que erros na operação podem causar acidentes ambientais com danos incalculáveis ao ecossistema.

Segundo Leite (2017 – p. 24):

A logística reversa pode ser compreendida como a área responsável pelo planejamento, operação e controle dos fluxos reversos de diversas natu-

rezas, assim como cria oportunidades de satisfazer a diferentes interesses estratégicos da empresa.

O reaproveitamento traz o valor para marca, sendo que os consumidores passam a ter um olhar diferenciado, bem como agregar novos clientes, através de seu desempenho de pós consumo. Para exemplificar, Leite (2003), cita os metais que são materiais tradicionais e participam de um canal reverso estruturado.

De acordo com a ABRALATAS – Associação Brasileira dos Fabricantes de Latas de Alumínio (2017), o Brasil é o país que mais recicla latinhas no mundo. A associação em conjunto com a CMI/EUA – *Can Manufactures Institute* e BCME/Europa – *Beverage Can Makers Europe*, realizaram um estudo com os dados mundiais de reciclagem para gerar o índice global de reciclagem de alumínio, garrafas PET e de vidro. Neste estudo, o Brasil aparece em primeiro lugar com 98% de latas de alumínio para bebidas destinadas para a reciclagem em sequência temos: 79% para a Polônia, 77% para o Japão, 72% para a Itália e 55% para os Estados Unidos.

O site Recicla Sampa (2018), informa que o intervalo do ciclo de vida de uma lata de alumínio é composto por trinta dias, facilitando a alta taxa de reciclagem. As fases do ciclo de vida da lata são compostas por: compra, utilização, coleta após o consumo, reciclagem e reintrodução a cadeia produtiva e finalmente a disponibilização ao consumidor.

Outro exemplo clássico, é o processo de reciclagem de papel e de embalagens descartáveis, que produz fonte de renda para muitos indivíduos, assim como uma oportunidade de *marketing* social para empresas por meio do título ‘ecologicamente correta’, ao tratar do fim de seus produtos, através de alianças com cooperativas ou organizações que recebem essas embalagens, fazem a seleção e higienização para devolver a este fabricante, que pode reverter em matéria prima ou reutilizar como o acondicionamento de seus produtos novamente os colocando disponível ao consumidor.

Segundo Leite (2003) a transformação de matérias primas secundárias, se dá por meio da reciclagem – canal reverso de revalorização, que separa os componentes industrialmente dos resíduos coletados e reintroduz a cadeia produtiva para a fabricação de novos produtos.

2.3 Ciclo de vida de um produto

A administração ambiental vem evoluindo através dos anos, e tomando um lugar considerável dentro da gestão de qualquer negócio. O destaque como área estratégica para a administração ambiental, traz aderência à muitas funcionalidades em todo o processo produtivo, desde a concepção da ideia até o pós-consumo. Este incide diretamente em como esse bem outrora adquirido, agora será descartado.

Ballou (2006), afirmou que o ciclo de vida de um bem é composto pelo período em que aquele produto foi consumido, logo após sua produção ou aquisição. Logo, o processo de produção envolve várias etapas, contendo gastos, esforços e desperdícios com distribuição.

As fases do ciclo de vida de um produto seguem respectivamente: lançamento, crescimento, maturação e declínio. Essas etapas têm como função principal avaliar o volume padrão de vendas com o passar do tempo após a disponibilização do produto ao consumidor final. Segundo, Leite (2003), a vida útil do produto se trata do ciclo de tempo decorrido desde a produção até o descarte, após o consumo pelo primeiro consumidor.

Os ciclos de vida dos produtos tornam-se menores a cada dia, devido a grandes variedades disponíveis de produtos e o comportamento atual da sociedade do consumo. Nas últimas décadas do século XX, foi constatada a necessidade do equacionamento logístico do retorno de alguma parcela desses produtos consumidos ao fim da sua vida útil (LEITE, 2017). As organizações precisam construir um planejamento, para que ao fim da vida útil dos produtos, seus consumidores possam descartá-los de forma correta. Para isso, as empresas devem atrair seus clientes a repensar na forma em como os resíduos são lançados no meio ambiente e educá-los quanto ao descarte desses materiais.

2.4. Logística reversa como vantagem competitiva

Sousa (2019), esclareceu que a logística é responsável por organizar o processo de movimentação dos produtos, gerenciando os vários canais de distribuição e maximizando a lucratividade por meio da minimização de custos, com foco em atender as ne-

cessidades e desejos dos clientes, os produtos devem estar disponíveis para os consumidores na quantidade, no local e no momento ideal.

Para atender as especificações acima, se faz necessário que a logística se conecte a cadeia de suprimentos de forma a proporcionar um elo das várias empresas que participam deste fluxo, no intuito de conectar fornecedores de insumos aos consumidores de produto que constituem a cadeia de suprimentos.

A cadeia de suprimentos pode ser definida como uma rede de organizações trabalhando em regime de cooperação mútua, para gerar controle e aperfeiçoamento do fluxo de matérias-primas e informações de fornecedores para clientes finais, ou seja, são redes conectadas e interdependentes buscando um mesmo fim (SOUSA, 2019). A movimentação do processo produtivo, até o final do século XX, era realizada por meio de um fluxo logístico unidirecional, começando nos insumos e terminando no descarte de produtos acabados.

A partir do crescente aumento de conscientização ambiental das empresas e consumidores, pensa-se muito na revitalização da movimentação de resíduos e rejeitos que são reutilizados como matérias-primas no processo fabril, transformando gradativamente os fluxos logísticos de unidirecionais para circulares, parte esta que integra a logística reversa às cadeias de suprimentos, que passa a obter um papel relevante no planejamento estratégico e na definição de diferenciais competitivos das empresas (SOUSA, 2019).

De acordo com, Sousa (2019) o novo desenho da cadeia de suprimentos, faz com que a logística provisione que os fluxos de insumos e de produtos satisfaçam as necessidades dos clientes (produtores, atacadistas e varejistas) e de consumidores finais, retornando para a instituição com informações úteis para melhorias no atendimento deste consumidor.

O mesmo fluxo, também envolve o transporte de resíduos de produção e de comercialização, incluindo as embalagens, a reintrodução na cadeia produtiva, minimizando custos e gerando uma imagem positiva das empresas, reduzindo impactos ambientais negativos. Para Ballou (2006) quando a empresa atinge os níveis apropriados de serviços visando alcançar os desejos de seus clientes, esta ação incide diretamente em aumen-

to de vendas bem como participação de mercado, proporcionando também crescente contribuição nos lucros.

2.5 Estratégia corporativa: políticas e normas de gestão ambiental

O meio ambiente é único para qualquer empresa ou negócio, partindo disto observa-se o aumento do comprometimento de pessoas físicas e das empresas com a preservação do meio. Assim sendo, apenas medidas isoladas de preservação tornam-se insuficientes para combater os desafios ambientais contemporâneos. É necessário o emprego de diretrizes para regulamentar as opções de melhoria no desempenho ambiental (SOUSA, 2019).

Partindo da necessidade exposta acima, formulou-se os sistemas de gestão ambiental (SGA), juntando ações administrativas e operacionais, para minimizar os efeitos negativos das atividades humanas sobre a natureza, aliadas a gestão empresarial e política ambiental da empresa (CURI, 2011).

A fim de regulamentar empresas e conscientizar a população em geral, foi necessário que governos desenvolvessem políticas de proteção ambiental e que as empresas adotassem sistemas de gestão que envolva o tema meio ambiente, reduzindo poluentes lançados e destinando corretamente seus resíduos.

Mediante a este conceito, Sousa, reafirmou a interligação da sociedade empresarial com a população em função de projetar um futuro melhor para ambos:

O desenvolvimento de políticas ambientais, conjugado com o estabelecimento de normas de gestão ambiental, e a conscientização do ser humano com relação aos problemas ambientais são fatores críticos ao desenvolvimento harmonioso do ser humano (SOUSA, 2019 – p. 14).

A política ambiental brasileira, determina a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), instituída pela Lei nº 6.938/1981 que tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar no país condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana, além de enquadrar os instrumentos de gestão ambiental (SOUSA, 2019).

De acordo com Sousa (2019), a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei nº 12.305/2010, e regulamentada pelo decreto nº 7.404/2010, também completa a estrutura da Política Nacional de Meio Ambiente, que tem por objetivo administrar o gerenciamento de resíduos sólidos, assim como a responsabilidade dos geradores, do poder público e os instrumentos econômicos aplicáveis.

A Política Nacional do Meio Ambiente através da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, com seu vasto aparato jurídico, incluindo a lei de crimes ambientais, torna a legislação ambiental brasileira uma das mais completas do mundo (BRASIL, 1981).

Com a função de impulsionar a formação de consciência ambiental, a PNMA também regulamenta a formação de sistemas de gestão ambiental, com o intuito de licenciar e fiscalizar atividades que tragam impactos ambientais ao meio ambiente, por meio de órgãos e entidades da União e todos adjacentes a ele. A fim de sistematizar em um único modo a rede de organizações fiscalizadoras, constituiu-se ao Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), integrando para a proteção e melhoria da qualidade ambiental.

De acordo com Sousa (2019) O SGA, foi formulado para garantir um ciclo de melhoria contínua, se orientando através dos ciclos de retroalimentação estabelecidos com base em mensurações, diagnósticos e auditorias, que pode ser esquematizado pelo ciclo PDCA voltado a sustentabilidade.

Os principais sistemas de gestão ambiental, fazem uso de uma política ambiental que orienta as decisões de melhoria de desempenho ecológico, que devem ser pautadas mediante: planejamento (*Plan*); implementação e operacionalização de ações específicas (*Do*); verificação de desvios e resultados (*Check*); propostas de ações corretivas (*Act*); e análise crítica (SOUSA, 2019).

Compondo o SGA, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) regulamenta neste país as normas voluntárias ISO, criada pela *International Organization for Standardization* em 1.946, para estabelecimento de padrões a serem aplicados em formato facultativo aos países membros. Entretanto podem promover certificações quando aplicados em processos de auditorias para melhorias e reconhecimento. De cunho e interesse ambiental, utilizaremos o grupo de normas da NBR ISO 14.000 (SOUSA, 2019).

A NBR ISO 14.000, é composto por normas voluntárias ambientais, que norteiam a forma como uma organização aborda seu trabalho, ou seja, o processo para chegar ao resultado, causando o menor impacto ambiental possível evitando o esgotamento de recursos naturais (SLACK, 2009). O mesmo autor diz ainda que a ISO 14.000, apresenta um sistema de gerenciamento ambiental composto por planejamento inicial, implementação e avaliação de objetivos.

2.6 Discussão sobre o desenvolvimento sustentável

A consciência ambiental de gestores e empresas que agreguem a sua estratégia e prática operacional as questões ambientais, são capazes de promover melhor desenvolvimento sustentável em seus negócios de modo a tomar decisões mais eficientes e mais eficazes, proporcionando custos mais baixos.

Mediante a isto, a conceituação de desenvolvimento sustentável, é baseada em atender as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras para atendimento de suas próprias necessidades (SOUSA, 2019).

A conceituação passa por diversas atualizações em que se deve considerar questões sociais e ambientais, a partir do ponto de vista de crescimento econômico e aspectos produtivos. Na conferência das Nações Unidas com a temática Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, ou Earth Summit, ou Rio-92, ou Eco-92, formulou-se um novo padrão de desenvolvimento sustentável baseado em três pilares: sustentabilidade ambiental, econômica e social (SOUSA, 2019).

A definição mais difundida para o conceito de desenvolvimento sustentável, foi introduzida pelo filósofo John Elkington, por meio do *Triple Bottom Line*¹ ou tripé da sustentabilidade baseado em 03 pilares ou 03 P's – *people, planet, profit*² traz uma reflexão sobre a interdependência das pessoas, da natureza e do benefício econômico para o sucesso da sustentabilidade no desenvolvimento (ELKINGTON, 1998).

Elkington (1998), propôs que ao desenvolver a sustentabilidade, também ocorre um desenvolvimento de uma nova economia baseada em parcerias sociais e ambientais

¹ Tripé da sustentabilidade. Tradução livre: o triplo resultado final.

² Tradução livre: Pessoas, Planeta e Lucro

que aumentem a eficiência das práticas tradicionais, proporcionando alcance de objetivos que nenhum dos pilares individualmente poderia alcançar sozinhos.

No contexto empresarial, o *triple bottom line* representa um desenvolvimento harmonioso entre os 03 P's que pode ser visto como o modo com que empresas se desenvolvem em comunidades sociais, ao perceberem que o fim de sua atividade econômica não está ligado somente a comercialização de produtos, mas sim totalmente envolvidos em como o descarte deste produto será efetuado. Sousa (2019), afirmou que uma empresa que desenvolve a sustentabilidade, regido pelo *triple bottom line*, utiliza-se de conceitos modernos, evitando a poluição do meio, garantindo menos impactos ambientais e desperdícios.

Toda e qualquer empresa tem como objetivo maior reduzir os custos e aumentar o lucro atendendo todas as partes interessadas: clientes, fornecedores, empregados, investidores, governo, comunidade inserida e demais envolvidos. Entretanto para alcançar este objetivo, faz-se necessário considerar o *triple bottom line* e atingir o nível de desenvolvimento empresarial sustentável. Neste contexto, o desenvolvimento econômico é importante, contudo, considerar o tripé da sustentabilidade é tão importante quanto, pois a partir dele, alcança-se o desenvolvimento pleno.

2.7 Sustentabilidade corporativa

A sustentabilidade corporativa caminha junto a competitividade empresarial, e já se percebe estudos e maiores investimentos em empresas que adaptaram suas linhas de produções ou planejaram um futuro para seus resíduos, evitando desperdícios e garantindo a sustentabilidade corporativa plena, em que todos interessados que colaboram para esta organização, seja contemplado com o mesmo pensamento sustentável aliado a boas práticas de responsabilidade ecológica.

Sousa (2019) explica que a sustentabilidade e a competitividade são indissociáveis, pois qualquer empresa sustentável deve ser competitiva e auferir o lucro. Ainda segundo o autor, os elementos que se associam aos conceitos de sustentabilidade e competitividade são:

- ✓ Responsabilidade ecológica empresarial;
- ✓ Cumprimento de requisitos legais (normas ambientais);

- ✓ Redução de custos;
- ✓ Garantia de gerações futuras;
- ✓ Satisfazer interessados (SOUSA, 2019).

Sustentabilidade corporativa é uma filosofia de gestão, integrando respeito ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável da sociedade. Requer ainda, uma abordagem que se alinhe no processo de tomada de decisão como visão estratégica, para atuar em todas as esferas do negócio (SOUSA, 2019).

Reduzir impactos ambientais negativos deve ter compreensão não somente pela comunidade empresarial, mas também pelo mercado consumidor por meio da produção e comercialização de produtos certificados, que embora elevem o custo final deste bem, traduz em consciência ecológica para o consumidor final.

2.8 Demonstrativos ecológicos

Os relatórios ambientais também conhecidos como relatório verde tem se tornado cada dia mais comuns entre as corporações, por demonstrarem a crescente preocupação com o meio ambiente. Empresas buscam publicar suas políticas e desempenhos ecológicos, e reconhecem suas responsabilidades em causar menos danos ao planeta. Percebe-se, também cunho comercial entrelaçado, por vários motivos que de acordo com Slack (2009):

- ✓ Através do relatório, a empresa é motivada a ser mais disciplinada ao entender seus processos desde o início e proporciona oportunidades para cortar custos e aprimorar o grau de conhecimento da operação.
- ✓ Uma vez conhecendo o processo inteiro, a operação é capaz de identificar riscos ambientais potenciais. Eliminando as falhas que podem resultar em danos, bem como os custos envolvidos com as legislações.
- ✓ As empresas ecologicamente responsáveis, ficam em destaque por meio do relatório verde, e chamam a atenção de profissionais talentosos e de alta performance para a organização, ou seja, torna-se uma excelente empresa para se atuar.

- ✓ Os investimentos também são atraídos por alto desempenho ambiental e a crescente por hábitos ecológicos transforma essa característica em critério de escolha para *stakeholders* e consumidores, que usem essa filosofia como estilo de vida.

Porter e Kramer (2011), sugerem que a competitividade de uma empresa e a saúde das comunidades do entorno são interligadas através do valor compartilhado corporativo, pois qualquer empresa precisa galgar o sucesso não somente para criação de demanda aos seus produtos, entretanto buscar fornecer recursos públicos e contribuições para a qualidade de vida.

De acordo com Sousa (2019), as empresas sustentáveis não devem se servir do ambiente ou da comunidade que as circunda, mas evoluir preservando o ambiente e desenvolvendo-se conjuntamente com as comunidades onde estão inseridas.

Após o estudo demonstrado, o Quadro 2 relacionou segmentos de saúde e cosméticos, e suas respectivas estratégias adotadas em relação a responsabilidade ambiental, bem como os benefícios adquiridos ao aprimorar suas cadeias produtivas e de pós consumo, com foco no meio ambiente e ganhos provenientes por meio da gestão de seus resíduos, desenvolvimento de políticas ambientais, capacitação e engajamento de colaboradores, e o estímulo de todas as partes interessadas, cooperam para promover um futuro melhor para gerações futuras.

Empresas que operem neste modelo, tendem ao sucesso empresarial e a atingir maior rentabilidade financeira através da vantagem competitiva, uma vez que o consumidor ao associar a imagem da empresa, a conceitos de sustentabilidade e responsabilidade ambiental, são levados a repensar seu consumo de produtos que não atendem as políticas ambientais e que por consequência a empresa não considera os prejuízos a longo prazo.

De acordo com o relatório anual de atividades da empresa do segmento de saúde, entre o período de 2015 e 2017, foram coletadas: 7.819 kg de películas radiográficas; 10.166 kg de pilhas e baterias; e; 51.039 litros de óleo de fritura usados, através dos pontos de entrega voluntária disponibilizados aos seus clientes e encaminhada a empresa especializada e previamente vistoriada para destinação final ecologicamente correta, Quadro 2.

No intuito de educar a comunidade em que a instituição está inserida, a empresa busca por disponibilizar pontos de entrega voluntaria de resíduos, contribuindo com a redução do descarte inadequado pela população, sejam ou não seus clientes diretos. Assim sendo, a empresa contribui para a redução do impacto ambiental, a partir de suas estratégias visando sua área de atuação e políticas já implementadas.

O próximo segmento analisado é o dos cosméticos, trazendo percentuais quanto ao uso de materiais recicláveis, que entraram na cadeia produtiva a partir do pós consumo, que viabilizaram a criação de embalagens ecoeficientes (são as que contém composição de 50% de material reciclado pós consumo e/ou material de origem renovável que não altere a massa do produto). Conforme relatório de atividades da empresa do segmento, em 2016 a companhia já havia incorporado em 4,3% de seus produtos acabados, insumos reciclados provenientes de pós consumo usados na fabricação de embalagens. Já em 2018, a companhia aumentou este percentual para 5,4%.

Quadro 2 – Relação de estratégias e benefícios sustentáveis

	Estratégia	Benefícios	Referência
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolvimento e consolidação de política ambiental empresarial; ✓ Implantação do SGA – para sistematizar, incentivar, monitorar e reconhecer as ações ambientais desenvolvidas; ✓ Estabelecimento da educação ambiental como eixo transversal na educação continuada dos colaboradores; ✓ Constituir parcerias e monitorar ações de desenvolvimento local nas áreas de abrangência da instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Redução dos volumes de resíduos no momento e local de sua geração; ✓ Promoção a utilização racional dos recursos naturais; ✓ Formação de colaboradores, promovendo o engajamento na causa ambiental; ✓ Administração do processo de geração, acondicionamento, transporte e destinação final dos resíduos do serviço de saúde; 	SANTA MARCELINA (2017)
Cosméticos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Programa de retorno de embalagens, ao findar de sua vida útil; ✓ Proporcionar aos clientes, retorno em benefícios ao realizarem a prática da reciclagem; ✓ Associação a fornecedores que tenham como política primordial a preservação do meio ambiente; ✓ Desenvolvimento de linhas de produtos totalmente sustentáveis e desenvolvidos a partir da combinação de produtos naturais e sustentáveis; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Redução e retirada de resíduos dos ambientes naturais como oceanos; ✓ Produção de refis sustentável a partir de componentes biodegradáveis; ✓ Geração de valor sustentável a toda a cadeia produtiva ao garantir o uso e adequação de todos os fornecedores e parceiros envolvidos em uma mesma causa; ✓ 90% dos componentes que integram os produtos são 100% naturais, elevando o padrão natural da marca. 	SARAIVA (2012) NATURA (2018; 2021)

Fonte: Autoria própria

Estas mudanças positivas somente foram possíveis com a utilização de embalagens de refis em quase toda as famílias de produtos da empresa, que também em 2018, a companhia coletou e destinou para a reciclagem 32,8% de seus resíduos de embalagens recuperados em programas de coletas nos pontos de venda e demais canais estratégicos.

Os segmentos demonstrados até aqui, apenas reafirmam que a logística reversa como caminho estratégico para a responsabilidade ambiental de uma empresa, garante ganhos de diversas dimensões com destaque para o reconhecimento de todas as partes interessadas gerando lucros, premiações e destaque mediante o setor atuante.

Por meio da relação logística reversa; planejamento estratégico; sistema de gestão ambiental e cadeia produtiva, obtém-se a responsabilidade ambiental, ou seja, são conceituações indissociáveis que cada vez mais se relacionam entre si, transportando estes conceitos ao planejamento estratégico empresarial e assegurando o sucesso pleno.

A partir das informações apresentadas, é possível associar o conceito de sustentabilidade adotada de maneira eficaz dentro das organizações, valorizando seus processos e partes interessadas, de modo a atingir a vantagem competitiva por meio da mudança de abordagem estratégica, focada no alcance da responsabilidade ambiental, através da logística reversa como caminho inicial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão de operações tem sofrido constantes mutações e variações que melhoraram a percepção do meio ambiente e dos recursos que já são limitados e continuam sendo extraídos. Para reduzir ou estabilizar essas extrações, as empresas buscam aprimorar seus processos, incluindo a logística reversa de pós consumo ao fim do ciclo de vida útil de seus produtos, proporcionando estratégias e ações de reincorporar esses produtos a cadeia de operações, até que diminua o descarte cada vez mais.

Por meio deste estudo, observo-se que é possível seguir um caminho diferente, entrelaçando os resultados empresariais com a responsabilidade ambiental. Esta que por sua vez, pode elevar em consideráveis números a participação no mercado empresarial de qualquer organização, garantir a vantagem competitiva e cuidar do meio em que vivemos.

Os desafios da gestão empresarial, são impostos todos os dias aos gestores que se comprometem a buscar por alternativas de negócios que atendam os pilares da sustentabilidade. Alguns desses desafios, se dá simultaneamente na empresa do presente e do futuro, em que o gestor deve se atentar aos departamentos funcionais na empresa do presente (recursos humanos, comercial, financeiro, e etc.) e na empresa do futuro que é gerida através do planejamento que gerem desenvolvimento empresarial sustentável e ações que não comprometam de forma negativa a empresa futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRALATAS. Artigo: A lata é a embalagem para bebidas mais reciclada no mundo. Publicado em 24.07.2017. Disponível em: <<https://www.abralatas.org.br/a-lata-e-a-embalagem-para-bebidas-mais-reciclada-no-mundo/>>. Acessado em: 06.11.2021.
- BALLOU, Ronald H. Gerenciamento da cadeia de suprimentos/logística empresarial. Tradução Raul Rubenich. – 5. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2006.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 set. 1981. p. 16.509. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/l6938.htm>. Acessado em 21.10.2021.
- CURI, D. Gestão Ambiental. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.
- ELKINGTON, J. Partnerships from cannibals with forks: the triple bottom line of 21 st century business. Environmental Quality Management. Wheaton, p. 37 – 51, 1998.
- LEITE, P. R. Logística reversa: meio ambiente e competitividade. São Paulo: Prentice Hall, 2003.
- LEITE, P. R. Logística reversa: sustentabilidade e competitividade. 3º ed. São Paulo: Saraiva, 2017.
- NATURA. Relatório de atividades 2018. 2018. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/141046155-Relatorio-anual-natura-2018.html>>. Acessado em 01.11.2021.
- NATURA. Dados sustentáveis. Disponível em: <natura.com.br>. Acessado em 30.10.2021.
- NEVES, J. L. A pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v.1, nº 3, 1996.

PORTER, M; KRAMER, M. Creating Shared Value. Harvard Business Review, Brighton, 2011. Disponível em: <<https://hbr.org/2011/01/the-big-ideia-creating-shared-value>>. Acessado em: 23.10.2021.

RECICLA SAMPA. Artigo: Brasil é o país que mais recicla latas de alumínio no mundo. 2018. Disponível em: <<https://www.reciclasampa.com.br/artigo/brasil-e-o-pais-que-mais-recicla-latas-de-aluminio-no-mundo>>. Acessado em: 06.11.2021.

SANTA MARCELINA. Relatório Anual de Atividades 2015 à 2017. Disponível em <santamarcelina.org>. Acessado em 30.10.2021.

SARAIVA, L. F. Análise do relatório de sustentabilidade: a empresa Natura. 2012. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24490/24490_5.PDF> Acessado em: 01.11.2021.

SLACK, N. CHAMBERS, S. JOHNSTON, R. Administração da produção. Tradução Henrique Luiz Corrêa. – 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

SOUSA, J. M. Impacto ambiental e logística reversa. São Paulo: SENAC São Paulo, 2019.

“O conteúdo expresso no trabalho é de inteira responsabilidade do(s) autor(es).”